

(53) 3

TEATRO EXPERIMENTAL ALIANÇA

A ÁRVORE QUE ANDAVA

Oscar Von Pfuhl

Personagens:

- LENHADOR.....
- NONÔ (coelhinho).....
- NANÁ (coelhinha).....
- ÁRVORE.....
- JABOTI.....

- Iluminação.....
- Sonoplastia.....

Direção: Mirtes Blum

Assist. Direção: Marco Antônio Gomes Pereira

SUPERVISÃO: Lourival Pereira



Peça em 2 atos

Produção:

SOC. ALIANÇA DE NOVO HAMBURGO  
 - Teatro Experimental Aliança -  
 (T E A)

Responsável:

LOURIVAL PEREIRA  
 - Diretor do Depto. de Teatro -

1º ATO

Clareira na floresta, com a Árvore no seu centro. Amanhece o dia, os passarinhos cantam, ela se espreguiça e bocejia. Entram os coelhos Nonô e Naná, brincando.

- NANÁ - Que manhã bonita! Como eu gosto da floresta!
- NONÔ - Aqui é muito melhor que na casa do Lenhador.
- NANÁ - Não voltaremos mais pr'á lá.
- NONÔ - Nunca mais.
- NANÁ - Moraremos aqui no mato.
- NONÔ - Naná, agora que estamos livres, podemos casar. Eu caso com você e você casa comigo. Está bem?
- NANÁ - Não.
- NONÔ - Você não gosta mais de mim?
- NANÁ - Gosto. Mas só caso com você quando você arranjar uma toca bem boa pr'á nós morarmos.
- NONÔ - Mas eu já mostrei tantos lugares a você! E você não gosta de nenhum!
- NANÁ - Quero uma toca na raiz duma árvore bem bonita. Numa árvore como esta. ( APONTA A ÁRVORE ).
- ÁRVORE (desaprovando) - Han, han!
- NANÁ - Que foi que você respondeu?
- NONÔ - Não respondi nada.
- NANÁ - Pensei que você tivesse dito: "han, han".
- NONÔ - Não disse nada. Até que eu gosto de morar na raiz desta árvore. Ela tem umas folhas tão lindas! ( VAI ATÉ A ÁRVORE E ARRANCA UMA FOLHA ).
- ÁRVORE - Ui!
- NANÁ - Espetou o dedo, Nonô?
- NONÔ - Não. Por quê?
- NANÁ - Você fez: "ui".
- NONÔ - Não foi você que deu um gritinho?
- NANÁ - Eu? Eu, não. Foi você.
- NONÔ - Você está ficando meio biruta.
- NANÁ - Eu ouvi muito bem.
- NONÔ - Eu também ouvi.
- NANÁ - Não foi nenhum de nós, então?



NONÔ - Quem terá sido?

( OS DOIS OLHAM DESCONFIADOS, DE UM LADO PARA OUTRO.)

NANÁ - Tenho medo que o Lenhador venha para cá.

NONÔ - Se ele nos agarrar, iremos para o cercado de novo.

NANÁ - Será que foi ele que fez o barulhinho?

NONÔ - Acho que não. Talvez tenha sido um ramo da Árvore. ( OS DOIS OLHAM A ÁRVORE.)

NANÁ - Não pode ser. Isso é bobagem.

NONÔ - É mesmo. As árvores são estúpidas e não sabem falar.

ÁRVORE (indignada) - Isso é o que vocês pensam.

NONÔ - Quem...quem...fa...falou...ai?

ÁRVORE - Fui eu mesma.

NONÔ - Árvo...vovores...não...fa...falam.

ÁRVORE - Mas eu falo. (OS DOIS COELHOS ABREM A BOCA E OLHAM A ÁRVORE ASSOMBRADOS.) E não gosto de coelhos mal educados.

NANÁ (trêmula) - Desculpe. Nós não sabíamos.

NONÔ - Nunca vimos árvores que falam.

ÁRVORE - Pois eu sei falar e sei até cantar.

NANÁ - Sabe mesmo?

ÁRVORE - Querem ver? (CANTA QUALQUER COISA).

NONÔ - É incrível!

ÁRVORE - Incrível? Vocês, que são coelhos, também não falam?

NONÔ - Mas nós somos do reino animal.

ÁRVORE - Pois eu sou vegetal. E não há razão nenhuma para um vegetal não falar. (NANÁ SE APROXIMA CAUTELOSAMENTE E TOCA A ÁRVORE COM OS DEDOS.)

NANÁ - Você parece uma árvore como as outras.

ÁRVORE - Eu sou uma árvore como as outras.

NANÁ - Mas fala.

ÁRVORE - Saibam que vivo aqui no mato e sou igualzinha às outras.

(PAUSA) A propósito: que é que vocês estão fazendo aqui?

NANÁ - Nós fugimos da casa do Lenhador.

NONÔ - E estamos procurando uma toca p'rá morar.

NANÁ - Sabe, DA Árvore? Nós queríamos fazer uma toca nas suas raízes.

ÁRVORE - O quê? Não pode ser.

NANÁ (desolada) - Não? Por quê?

ÁRVORE - Porque eu quero mudar de vida.

NONÔ - Você não é feliz assim como está?

ÁRVORE - Não.

NANÁ - Sabe falar e não é feliz?

ÁRVORE - Desde pequena que eu sei falar. Mas nunca tenho com quem conversar. Os animais se espantam quando eu falo com eles. Todos fogem de mim.

NANÁ - Nós não fugimos.



ÁRVORE - Não fugiram porque o susto foi muito grande. Não é verdade?

(OLHA PARA OS DOIS QUE NÃO RESPONDEM.)

NONÔ - Bem...é que...

NANÁ - Eu fiquei de perna mole, é verdade.

NONÔ - Eu também não pude sair do lugar.

ÁRVORE - Estão vendo só? Eu não disse? Todos fogem de mim.

NANÁ - Você quer que eu arranje quem converse com você?

ÁRVORE (amuada) - Não. Não é isso que eu quero.

NANÁ - O que é então?

ÁRVORE - Eu queria... Bem, vocês sabem, isso de ficar sempre no mesmo lugar é tão aborrecido!...

NONÔ - Como é isso?

ÁRVORE - Desde que nasci, estou sempre plantada no mesmo lugar.

NANÁ - Mas você é uma árvore!

ÁRVORE - Claro que sou uma árvore. Mas isso no fim de um certo tempo acaba deixando a gente chateada.

NONÔ - Está querendo mudar de lugar? Eu sei de um jardineiro que é capaz de fazer até árvores grandes mudarem de lugar.

NANÁ - É, sim. Ele tira a árvore com um torrão de terra deste tamanho (ABRE OS BRAÇOS) e bota tudo noutro lugar, num buraco.

ÁRVORE - Não é isso que eu queria.

NANÁ - Não quer ser trans...trans...Como é mesmo?

NONÔ - Transplantada.

NANÁ - Isso mesmo. Não quer ser transplantada?

ÁRVORE - Não.

NONÔ - Então que é que você quer?

ÁRVORE - Escutem bem, se eu fosse plantada noutro lugar, havia de enjogar logo. Não é mesmo?

NANÁ - Deve ser. Eu também enjoei do quintal do Lenhador.

NONÔ - Por isso nós fugimos.

ÁRVORE - Vocês podem andar. É isso que eu quero. Andar!

NONÔ e NANÁ (espantados) - Andar?!

ÁRVORE - Eu queria poder andar, como todo o mundo.

NONÔ - Isso é impossível. Você tem raízes na terra.

ÁRVORE - Há jeito para tudo. Só que eu não sei esse jeito.

NONÔ - É impossível uma árvore andar.

ÁRVORE - Você também achava impossível uma árvore falar. E no entanto eu falo.

NANÁ - Isso é verdade.

NONÔ - Gostaríamos de poder ajudar você, dona Árvore.

NANÁ - Também não sabemos o jeito de aprender a andar. Nós já nascemos sabendo.

NONÔ - Só com mágica. Ou então encantamento.



NANÁ - Tenho uma idéia! Vamos perguntar ao Jaboti.

NONÔ - Isso! O jaboti sabe de tudo.

ÁRVORE - Não, não adianta. O Jaboti está muito velho e não tem mais memória.

NONÔ - Como é que você sabe?

ÁRVORE - Ele mesmo me contou. Disse que só consegue lembrar das coisas quando leva um grande susto.

NANÁ - E então?

ÁRVORE - Um dia ele tinha perdido os óculos. Não sabia mais onde tinha posto.

NANÁ - E depois?

ÁRVORE - Ele não sabia que eu falava. Quando eu gritei p'rá ele: "Jaboti, como vai você?", ele levou tamanho susto que se lembrou imediatamente onde tinha posto os óculos. (VEM ENTRANDO O JABOTI, DE ÓCULOS NA TESTA.)

NONÔ e NANÁ - Aí vem ele.

ÁRVORE ( ao Jaboti, alto) - Como vai indo, amigo Jaboti?

JABOTI - Eu vou muito bem. (VAI TATEANDO ATÉ A ÁRVORE.) Só a memória é que anda cada vez mais fraca.

ÁRVORE - E o que é que você está procurando lembrar, agora?

JABOTI - Onde pus os óculos. ( A ÁRVORE E OS COELHOS SE RIEM.)

ÁRVORE - Essa é boa! Ha, ha, ha!

JABOTI - Quem é que está com você?

ÁRVORE - São dois coelhos.

JABOTI - Não enxergo nada sem óculos. Nem um palmo diante do nariz.

NANÁ - Pois aqui estão os seus óculos. (TIRA OS ÓCULOS DA TESTA DO JABOTI E DÁ-LHE NA MÃO.)

JABOTI - Ora, que distração! Estavam bem na minha testa. (PÕE OS ÓCULOS E EXAMINA OS COELHOS.) Vejo que vocês são dois lindos coelhinhos. Como é o seu nome?

NONÔ - Eu sou Nonô e ela é Naná.

JABOTI - Nonô e Naná. Lindos nomes! Daqui a pouco não me lembrarei mais deles. A memória não ajuda. Bem, meus jovens amigos, agora vou indo. Tenho pressa.

NANÁ - Pressa?. Nunca vi um jaboti com pressa.

JABOTI - Pois eu estou com uma pressa danada. Foi bom achar os óculos, pois sem eles não posso andar direito.

ÁRVORE - Está fugindo de alguém?

JABOTI - Justamente. Há alguém que jurou fazer uma sopa de mim.

NANÁ - Uma sopa?

NONÔ - Sopa de Jaboti?

JABOTI - Pois é. Já passei por muita coisa na vida, mas virar caldo de sopa não me atrai nem um pouquinho.



NANÁ - E quem é que quer fazer sopa de você?

JABOTI - Estou tentando me lembrar, mas não consigo. É um homem que corta pau no mato.

NONÔ e NANÁ - O lenhador!

JABOTI - Isso mesmo! Eu não conseguia me lembrar da palavra. O Lenhador!

ÁRVORE - Mas por que é que ele quer fazer sopa de você?

JABOTI - Porque eu sou distraído.

NONÔ - Só por isso? Mas ninguém vira sopa, só porque é distraído.

JABOTI - Eu explico. Vocês sabem que eu sou louco por batata de tinhorão. A mulher do Lenhador tinha um lindo tinhorão de muito valor.

ÁRVORE - E você comeu a batata dele?

JABOTI - Justamente.

NANÁ - Por que você não comeu alguma outra batata no mato?

JABOTI - Aí é que entra a minha distração. Eu me esqueci que estava no quintal do Lenhador. E esqueci que a mulher dele gostava muito do tinhorão.

NONÔ - Que azar, o seu!

NANÁ - Azar, não. Falta de memória.

JABOTI - Tudo junto, meus amigos. Tudo junto.

ÁRVORE - E que aconteceu depois?

JABOTI - Lenhador e a mulher ficaram loucos comigo. Desde então venho fugindo deles. Se me pegam, vou p'rá panela.

NANÁ - Coitado do Jaboti!

JABOTI - Não quero conversa com o Lenhador. (ALGUÉM SE APROXIMA ASSOBANDO LÁ FORA.)

ÁRVORE - Alguém vem aí. Quem será?

NANÁ - Conheço esse assobio.

NONÔ - Eu também.

JABOTI (assustado) - Será o Lenhador?

NONÔ e NANÁ - Ele mesmo! (PÂNICO DOS COELHOS E DO JABOTI.)

JABOTI - Fugamos!

NONÔ - Não há tempo a perder.

NANÁ - Ai, si, que medo!

JABOTI - Não podemos sair por ali. Vamos para aquele lado.

NONÔ - Vamos.

NANÁ - Escondamo-nos lá atrás. (NONÔ E NANÁ CORREM PARA AS ÁRVORES DO FUNDO. O JABOTI SE ATRASA.)

NONÔ - Depressa, Jaboti!

NANÁ - Corra!

JABOTI - Já estou correndo.

NANÁ - Está correndo? Nesse passinho?



JABOTI - Não sei correr mais depressa. (VAI DEVAGAR PARA AS ÁRVORES. NONÔ E NANÁ O PUXAM PARA TRÁS DE UMA ÁRVORE.)

NONÔ - Venha p'rá cá.

NANÁ - Na horinha mesmo!

NONÔ - Psiu! Não faça barulho! (ENTRA O LENHADOR ASSODIANDO, DE MACHADO NO OMBRO, OLHA EM VOLTA.)

LENHADOR - Não me lembro deste lugar. Parece sossegado. (DESCANSA O MACHADO NO CHÃO, OLHA A ÁRVORE.)

LENHADOR - Boa árvore, esta! Há de dar uma boa lenha. (A ÁRVORE ESTREMECE, FAZ UMA CARETA.)

LENHADOR - Eu podia já ter cortado muita lenha hoje, mas perdi um tempão atrás daqueles coelhos duma figa. Eles me pagam, quando eu puser a mão em cima deles. Bah! Batendo perna à toa por aí! (ENXÓGA A TESTA COM A MANGA DA CAMISA.) Seria ótimo se eu encontrasse aquele Jaboti malandro. Faria hoje mesmo uma boa sopa com ele. (LAMBE OS BEIÇOS.) Hei de agarrar aquele velhaco atrevido! Comendo o tinhorão de minha mulher! Nas minhas barbas, dentro do meu quintal! Nunca vi maior caradurismo. Bem, tratemos da vida. (CHEGA JUNTO DA ÁRVORE.) Acho que esta árvore vai dar uma ótima fogueira lá em casa. Vamos derubá-la e fazer um feixe de lenha. (CÓSPE NAS MÃOS, SEGURA O MACHADO, ERGUE-O NO AR COM UM BALANÇO DO CORPO. A ÁRVORE SOLTA UM GEMIDO DE MEDO.)

ÁRVORE (gemendo) - Ahn!

LENHADOR (com o machado parado no ar) - Quem gemeu aí? (BAIXA O MACHADO, OLHA EM VOLTA.) Acho que estou sonhando. (ERGUE O MACHADO DE NOVO.)

ÁRVORE (como antes) - Ahn!

LENHADOR (baixando o machado) - Que barulho foi esse? Parece um gemido mesmo. (OLHA EM TORNO, ARRODEIA A ÁRVORE, ENQUANTO ESTA FAZ MIL CARETAS. APOIA-SE NO MACHADO.) Acho que andei muito, estou cansado e ouvindo bobagens. Isso é sol demais na cabeça. (OLHA PARA CIMA, PROTEGENDO OS OLHOS COM A MÃO.) Já é quase meio-dia, está na hora do almoço. Vou para casa, e mais tarde voltarei prá fazer um feixe de lenha desta árvore. (OLHA A ÁRVORE COM COBIÇA, PÕE O MACHADO AO OMBRO E SAI.)

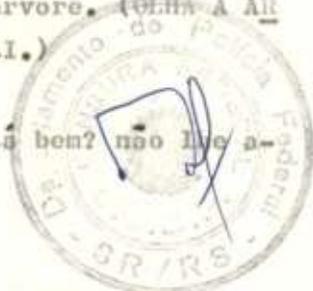
ÁRVORE - Uf! Que susto!

NANÁ (correndo para fora do esconderijo) - Você está bem? não lhe aconteceu nada?

ÁRVORE - Felizmente não passou de um susto.

NANÁ - Sua testa está molhada de suor.

ÁRVORE - Não admira. Com o susto que eu passei! (NANÁ ENXUGA A TESTA DA ÁRVORE COM A PATA. JABOTI E NONÔ SE APROXIMAM.)



- NONÔ - Que perigo!
- JABOTI - Pobre amigo! A gente passa cada pedaço na vida!
- ÁRVORE - Não tenho nenhuma vocação para virar lenha.
- JABOTI - Nem eu para virar sopa.
- NONÔ - Nem nós para ficarmos presos no cercado.
- ÁRVORE - É por isso que eu quero aprender a andar.
- JABOTI - Aprender o quê?
- ÁRVORE - A andar. Quero caminhar como vocês três.
- JABOTI - Onde se viu árvore caminhar? Isso é contra a Natureza.
- ÁRVORE - Pois eu não sei falar?
- JABOTI - Falar, vá lá. Mas andar?
- ÁRVORE - Que tem isso demais?
- JABOTI - As árvores só andam depois de mortas. Quando viram tábuas para fazer um trem ou um navio.
- ÁRVORE - Isso é estórial! Não viu o perigo que eu passei, por não poder andar? Vocês se esconderam do Lenhador, e eu tive de ficar no lugar. Sem poder fazer nada.
- JABOTI - Pois eu acho muito errado você querer andar. E além disso, não vai conseguir nada.
- ÁRVORE - Vou, sim.
- NANÁ - Você não pode ajudar a Árvore, Jaboti?
- JABOTI - Eu?
- NANÁ - Você mesmo. Por que não?
- JABOTI - Mas...eu não posso fazer nada.
- NANÁ - Você sabe muita coisa.
- JABOTI - Não sei fazer árvores caminharem.
- NANÁ - Você aprendeu a fazer encantamento e bruxarias.
- JABOTI - Só aprendi a quebrar encantamentos. A quebrar, está ouvindo? Mas nem isso eu me lembro, pois esqueço tudo.
- NANÁ - Que pensa!
- NONÔ ( à Árvore) - Por que você não pede isso a alguém que seja forte e poderoso?
- ÁRVORE - Não conheço ninguém assim.
- NONÔ - Por que não pede a seus pais?
- NANÁ - Isso mesmo. Você tem pai e mãe, não tem?
- ÁRVORE - sim, tenho.
- NANÁ - Quem são seus pais?
- ÁRVORE - Bem, minha mãe é a Terra. Ela que me criou.
- NANÁ - Então peça à Terra.
- ÁRVORE - Mas é da Terra que eu quero me separar.
- NONÔ - Então peça a seu pai. Quem é seu pai?
- ÁRVORE - É o Sol. Ele que dá energia para as minhas folhas.



NONÔ - Pois peça ao Sol que lhe dê o poder de caminhar.

ÁRVORE - Vocês acham que ele faria o que eu peço?

JABOTI - Faria, nada! Isso são conversas. Vocês estão perdendo tempo. Vão tratar da vida, que dá mais certo. Eu, por mim, vou ver se trato do meu almoço. Vou procurar alguma fruta caída pelo chão, já meio podre, para eu comer. São servidos? (NANÁ FAZ UMA CARETA DE NOJO.)

NANÁ - Prefiro couve e cenoura.

NONÔ - Eu também.

JABOTI - Pois eu gosto de fruta p'rá lá de madurinha. Passem bem. Até mais tarde.

NONÔ e NANÁ - Até mais tarde. (SAI O JABOTI.)

ÁRVORE - Será que dará certo eu pedir ao Sol?

NONÔ - Não custa tentar,

NANÁ - Peça mesmo! Se ele não quiser, logo se vê.

ÁRVORE - Já resolvi. Vou pedir a ele. (OLHA PARA CIMA.)

NANÁ - Ótimo. Venha, Nonô, vamos comer algumas folhas por aí, enquanto a Árvore fala com o Sol.

NONÔ - Vamos, Naná. (À ÁRVORE) Felicidades, dona Árvore. (SAEM OS COELHOS. A ÁRVORE OLHA PARA CIMA.)

ÁRVORE - Sol! Pai que manda a luz para as minhas folhas, ouve tua filha que te chama! (OUVE-SE UM RONCO DE TROVÃO, E SURGE UM CLARÃO DE RELÂMPAGO.)

VOZ DO SOL - Que queres de mim, Árvore da floresta?

ÁRVORE - Uma graça especial.

VOZ - Qual é ela?

ÁRVORE - O poder de caminhar.

VOZ - Caminhar? Queres saber andar, então?

ÁRVORE - Sim, meu pai. Não gosto de ficar sempre no mesmo lugar. Acordo todas as manhãs vendo sempre os mesmos lugares, o mesmo chão, ouvindo sempre os mesmos ruídos da floresta.

VOZ - As árvores são assim.

ÁRVORE - Mas se os passarinhos voam, os peixes nadam e outros bichos correm, por que não posso caminhar?

VOZ - Cada um com sua natureza.

ÁRVORE - Concede-me essa graça, magnífico Sol!

VOZ - Bem. Assim farei. Só espero que não te arrependas.

ÁRVORE - Obrigada, meu pai.

VOZ - Árvore da floresta! De hoje em diante terás o poder de ir para onde quiseres. Tuas raízes deixarão a Terra, e ficarás completamente livre. (OUVE-SE NOVAMENTE O TROVÃO E TUDO VOLTA À NORMALIDADE. A ÁRVORE SENTE UMA ESTREMEÇÃO. ERGUE UM PÉ, DEPOIS O OUTRO.)



ÁRVORE (exultante) - Estou livre! Já posso mover as pernas! Finalmente! Obrigada, meu pai, Sol. (DÁ DOIS OU TRÊS PASSOS.) Já posso até dançar. (ENSAIA UNS PASSOS DE DANÇA.) Que coisa formidável! (OUVE-SE A VOZ DE NANÁ, QUE VEM CANTAROLANDO.) Ah! vem os coelhos. Vou fazer uma surpresa. Vou fingir que estou dormindo e ver o que acontece. (VOLTA AO SEU LUGAR DE ANTES, E FICA INÓVEL. ENTRAM NONÔ E NANÁ, SALTITANTES.)

NONÔ (batendo no estômago) - Nada como uma boa comida feita de folhas bem macias, bem verdinhas!

NANÁ - Olhe, Nonô! A Árvore está dormindo.

NONÔ - Coitada! Acho que não conseguiu o que queria e pegou no sono,

NANÁ - Pode ser que ela tenha almoçado muito e tenha ficado com sono.

NONÔ - Sua boba! As árvores não almoçam.

NANÁ - Como não almoçam? Se não almoçarem, morrem de fome.

NONÔ - Não almoçam, não. As raízes ficam afundadas na Terra e elas comem por ali.

NANÁ - Será mesmo?

NONÔ - É claro que é. Elas bebem a água e o suco da terra. E por isso crescem com a ajuda da luz do Sol. (NANÁ DÁ A VOLTA A ÁRVORE, COM OLHAR CRÍTICO. TOCA-A COM O DEDO.)

NANÁ - Está dormindo profundamente.

NONÔ - Vamos brincar de qualquer coisa?

NANÁ - Vamos, de que?

NONÔ - De esconde-esconde?

NANÁ - Vamos.

NONÔ - Você esconde e eu vou procurar.

NANÁ - Está bom. Vire o rosto p'rá lá.

NONÔ (virando o rosto para o lado contrário) - Um, dois, três... (NANÁ CORRE DE UM LADO PARA O OUTRO, E ACABA FICANDO ATRÁS DA ÁRVORE, ENCOLHIDA)...quatro, cinco, seis, sete... (A ÁRVORE FAZ UM TREJEITO, DÁ UM PASSO PARA O LADO E DEIXA NANÁ DESCOBERTA)...oito, nove, dez. (NONÔ VOLTA-SE E DÁ COM NANÁ ENCOLHIDA, A DESCOBERTO.) Mas que boba! Pensa que está muito escondido desse jeito.

NANÁ (erguendo-se) - O quê?

NONÔ - Por que não se escondeu direito?

NANÁ (sem entender) - Eu? Mas eu...eu estava atrás da Árvore. (OLHA PARA O CHÃO) Não era aqui o lugar da Árvore?

NONÔ - A Árvore está ali.

NANÁ - Mas não era aqui mesmo?

NONÔ - É...(COÇA A CABEÇA) Eu acho que era. Que negócio é esse? (A ÁRVORE DÁ UMA GARGALHADA, OS DOIS COELHOS SE ASSUSTAM.)



ÁRVORE - Enganei vocês direitinho!

NONÔ e NANÁ - Árvore!

ÁRVORE - Que tal?

NONÔ - Você já pode andar?

NANÁ - Você saiu do lugar?

ÁRVORE - Já sei andar. (DÁ UNS PASSOS.)

NANÁ (batendo palmas) - Que coisa maravilhosa!

ÁRVORE - Que bom, não é?

NANÁ - Nunca pensei que isso fosse acontecer.

NONÔ - Agora você pode ir para onde quiser.

ÁRVORE - Posso passear pela floresta.

NANÁ - E até viajar.

ÁRVORE - Que bom! Agora vou ser muito feliz.

NANÁ - Como estou contente!

ÁRVORE - Agora sei até dançar. Querem ver?

NONÔ e NANÁ - Queremos. (DÁ UNS PASSOS DE DANÇA. NONÔ PÕE-SE A BATUCAR, E NANÁ E A ÁRVORE PÕEM-SE A DANÇAR NO RITMO.)

ÁRVORE - Agora vou usar as minhas pernas até não poder mais. (NONÔ E NANÁ RIEM.) Mas sabem de uma coisa engraçada?

NONÔ - Que é?

ÁRVORE - Agora preciso comer e beber.

NANÁ - Como é isso?

ÁRVORE - As minhas raízes não estão mais presas na terra.

NANÁ - Vai precisar comer como nós?

ÁRVORE - Beber, eu sei que a água me basta. Mas não sei bem o que devo comer.

NANÁ - E então?

ÁRVORE - Preciso experimentar várias coisas e ver o que me serve.

NONÔ - Não é nada fácil procurar comida.

NANÁ - Mas é divertido.

ÁRVORE (meio aborrecida) - Não acho divertido.

NANÁ - Agora você precisa pensar no almoço e no jantar também.

ÁRVORE (coçando a cabeça) - Que coisa aborrecida! E o pior é que já estou com fome e com sede.

NONÔ - Nós já almoçamos.

ÁRVORE - Pois eu não comi nada ainda. (OUVE-SE FORA O ASSOBIO DO LENHADOR. OS TRÊS PARAM.)

NONÔ e NANÁ - O Lenhador!

ÁRVORE - É ele.

NONÔ - Já vem voltando.

NANÁ - E agora? Precisamos fugir.

ÁRVORE - Não. Vou fazer uma surpresa p'rá ele. ( O ASSOBIO PARA.)



- NONÔ - Parou de assobiar.
- NANÁ - Será que ele não vem p'rá cá?
- ÁRVORE - Ele disse que ia voltar para me fazer virar lenha.
- NANÁ - Acho que ele está voltando é p'rá casa.
- NONÔ - Vamos embora assim mesmo. É mais prudente.
- NANÁ - Vamos nos esconder.
- NONÔ - Não. Vamos embora.
- NANÁ - Então vamos. Até logo, Árvore.
- ÁRVORE - Até logo. (NONÔ E NANÁ DÃO-SE AS MÃOS. AO SE DIRIGIREM À SAÍDA, DÃO COM O LENHADOR QUE VEM ENTRANDO CALADO. ARREGALAM OS OLHOS DE SUSTO.)
- LENHADOR - Os coelhos fujões! Que é que vocês estão fazendo aqui?
- NANÁ - Estamos pas...pas...passeando.
- LENHADOR - Seus malandros! Vão me pagar! (DEIXA O MACHADO NO CHÃO, UMA GARRAFA D'ÁGUA E UM SANDUÍCHE.)
- NONÔ - Queremos continuar passeando.
- LENHADOR - Vocês vão passear agora é no meu cercado. Venham cá. (VAI AVANÇANDO, OS DOIS COELHOS VÃO RECUANDO.)
- NONÔ - Não queremos voltar para sua casa.
- LENHADOR - Venham cá, meus coelhinhos.
- NANÁ - Isso nunca!
- LENHADOR (sempre avançando) - Sejam bonzinhos. Só por esta vez.
- NONÔ - Não queremos ser bonzinhos.
- LENHADOR - Venham cá. (CORRE RÁPIDO EM CIMA DOS COELHOS. ESTES FOGEM, RODEANDO A ÁRVORE. ELA ESTENDE O PÉ, O LENHADOR TROPEÇA NAS RAÍZES E CAI.)
- NONÔ (baixo a Naná) - Aproveitemos agora! (CORREM PARA AS ÁRVORES DO FUNDO.)
- LENHADOR (erguendo-se) - Que diacho de rãizes. Como é que eu não vi isso? Lá fugiram os coelhos outra vez! (LIMPA A ROUPA E AGARRA O MACHADO.) Bem, tratemos de outra coisa. Já vim previnido com água e comida. Posso trabalhar à vontade, e fazer lenha desta árvore. Trabalhemos então. (COSPE NAS MÃOS, SEGURA O MACHADO E MARCA BEM O LUGAR DA ÁRVORE, FAZENDO PONTARIA. ERGUE O MACHADO NO AR, COM UM BALANÇO DO CORPO. A ÁRVORE DÁ UM PASSO PARA O LADO, E O MACHADO DÁ O GOLPE NO AR.)
- LENHADOR (espantado) - Que foi isso? Errei a machadada? É incrível! Há tanto tempo que eu não erro a machadada! (APROXIMA-SE DE NOVO DA ÁRVORE, FAZ PONTARIA CUIDADOSAMENTE. ERGUE O MACHADO NO AR, A ÁRVORE DÁ OUTRO PASSO E O LENHADOR ERRA O GOLPE NOVAMENTE.) Será possível? Errei a pontaria outra vez! Será que estou tonto? Deve ser o calor. É isso mesmo. É o calor.

(ABRE A CAMISA ABANA-SE TODO.) Também este sol forte me queimou o dia todo! Suei por todos os poros. Estou com sede. (LARGA O MACHADO, PEGA A GARRAFA E BEBE UM GOLE.) Água boa e fresca! Este calor dá um sono na gente! Acho que vou dormir um pouco na sombra desta árvore. (PEGA O SANDUÍCHE E A GARRAFA, PÕE DE LADO E DEITA-SE A RONCAR. A ÁRVORE ABAIXA-SE, PEGA A GARRAFA E BEBE TUDO COM AÇODAMENTO. COM ISSO, AFOGA-SE E PÕE-SE A TOSSIR. OS COELHOS SAEM DO ESCONDELIJO, PÕEM-SE A BATER-LHE NAS COSTAS.)

NONÔ - Psiu! Não tussa!

NANÁ - Não faça barulho! (O LENHADOR SE MEXE, PARECE ACORDAR.)

NONÔ - Está acordando!

NANÁ - Fugamos! (VOLTAM CORRENDO AOS SEUS LUGARES. O LENHADOR SENTA SE.)

LENHADOR - Ouvi alguém tossir. (OLHA EM VOLTA.) Não vejo ninguém. Mas que calor! (PEGA A GARRAFA, VAI BEBER DE NOVO, VÊ QUE ELA ESTÁ VAZIA.) Que diabo levou a minha água? Será que bebi tudo sem perceber? Estou fraco da bola. (PEGA O SANDUÍCHE E DÁ UMA MORDIDA.) Sanduíche sem água não é muito bom. (DEIXA O SANDUÍCHE DE LADO.) Vamos dormir mais um pouco. (DEITA-SE DE NOVO, PÕE-SE A RONCAR. A ÁRVORE PEGA O SANDUÍCHE E COME-O TODO. SURGE O JABOTI, QUE VEM CANTANDO COM VOZ GROSSA. ESTÁ SEM ÓCULOS.)

JABOTI - Olá, boa tarde, amiga Árvore! Como vão as coisas?

ÁRVORE - Psiu! (MOSTRA O LENHADOR DORMINDO.)

NONÔ e NANÁ - Psiu!

JABOTI - Que é que vocês estão dizendo?

ÁRVORE (sussurrando) - O Lenhador!

JABOTI - Fale mais alto. Não escuto nada.

NONÔ e NANÁ - O Lenhador!

JABOTI - O quê? (PAUSA) Não entendo vocês hoje. Sabem o que me aconteceu? Não sei onde pus os óculos. E não enxergo nada. (APROXIMA-SE DA ÁRVORE, QUE LHE FAZ SINAIS AFLITOS.) Não vejo você direito, amiga Árvore. E nem sei que bicho é esse que está dormindo embaixo de você. Vou acordá-lo pra ver quem é. (DÁ UM CHUTE NO LENHADOR, QUE SE AGITA TODO.)

ÁRVORE (desesperada) - Não faça isso!

NONÔ - Esse Jaboti está louco!

NANÁ - Ele está acordando!

ÁRVORE - Agora é tarde. Já acordou. (O LENHADOR SENTA-SE NO CHÃO DE NOVO.)

JABOTI - Acordei o bicho. Vamos ver quem é. (APROXIMA O ROSTO DO LENHADOR.)



LENHADOR - Quem é que está me dando pancada? (O JABOTI DÁ UM BERRO DE SUSTO.)

JABOTI - Socorro! Me acudam! É o Lenhador.

LENHADOR - Jaboti miserável. Vou te pegar.

JABOTI (parado) - Não...não, juro que não...foi sem querer...(O LENHADOR TENTA ERGUER-SE, O JABOTI FICA TRENENDO SEM SAIR DO LUGAR. A ÁRVORE DEIXA CAIR UM GALHO (O PUNHO) NA CABEÇA DO LENHADOR, QUE CAI PARA TRÁS, DESMAIADO. OS COELHOS SAEM CORRENDO E SOCORREM O JABOTI.)

ÁRVORE - Pudera! Vai logo dar um chute nas costas do Lenhador!

JABOTI (ofegante) - Ai...ai...eu não posso...não posso...falar!

NONÔ - Calma, calma!

NANÁ - Venha descansar um pouco.

JABOTI - Meu coração...está batendo...puf...puf...puf.

NANÁ - Coitadinho dele! (AFAGA O JABOTI.)

NONÔ - Venha conosco. Daqui a pouco o Lenhador volta a si.

JABOTI - Estou tremendo. (ENXUGA O SUOR DA TESTA. FAZ UMA CARA ALEGRE.) Agora eu me lembro!

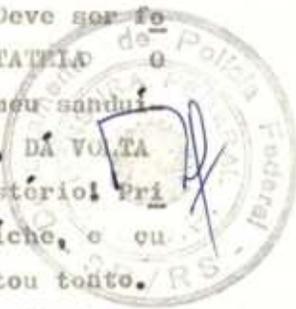
ÁRVORE - O quê?

JABOTI - Com o susto, lembrei onde pus os óculos. Aqui no bolso. (TIRA OS ÓCULOS DO BOLSO E PÕE NO NARIZ, TODO SATISFEITO.) Agora já enxergo bem de novo. (OLHA O LENHADOR DEITADO NO CHÃO, DÁ UM PULINHO.) Vamos embora daqui. (O LENHADOR COMEÇA A SE AGITAR DE NOVO.)

NANÁ - Está acordando outra vez.

NONÔ - Vamos nos esconder de novo. (OS COELHOS LEVAM O JABOTI PARA TRÁS DAS ÁRVORES. O LENHADOR SENTA-SE NO CHÃO.)

LENHADOR - Mas que sono profundo! Cheguei até a sonhar. Sonhei com o Jaboti. Será que ele passou por aqui? Ou foi sonho mesmo? (OLHA EM VOLTA, VAI ERGUER-SE.) Ái! Minha cabeça! Por que será que está doendo? Até parece que bati a cabeça nalgum lugar. (OLHA EM VOLTA E PARA CIMA, PARA A ÁRVORE.) Deve ser fo me, essa dor de cabeça. (ENQUANTO OLHA EM VOLTA, TATEIA O CHÃO, EM PROCURA DO SANDUÍCHE.) Onde foi parar o meu sanduíche? Será que as formigas comeram? (COÇA A CABEÇA, DÁ VOLTA À ÁRVORE.) Não vejo sinal de formigas. Mas que mistério! Primeiro bebem a minha água, agora comem o meu sanduíche, e eu não sei quem foi. Ai, como dói a minha cabeça! Estou tonto. Vou dormir mais um pouco p'rá passar esta tontura. Nesta sombra gostosa. (ESTIRA-SE DE NOVO NO CHÃO E COMEÇA A RONCAR. A ÁRVORE DÁ DOIS PASSOS PARA O LADO, OS DOIS COELHOS SAEM DEVA GAR? ARRASTANDO O JABOTI. O LENHADOR SE AGITA DE NOVO, OS COELHOS E O JABOTI VOLTAM CORRENDO, ENQUANTO A ÁRVORE PÁRA,



IMÓVEL.)

LENHADOR (saltando) - Que negócio é esse? Deitei na sombra e agora o sol está batendo na minha cara! Alguém me empurrou p'rá fora da sombra. Quem foi esse miserável? (LEVANTA-SE DE TODO.) Não fico mais aqui. Parece até que há bruxaria neste mato. Bebem minha -água, comem meu sanduíche, e ainda por cima me tiram de um lugar e põem noutra. Não agüente mais. Este lugar deve ser mal assombrado. (PEGA A GARRAFA VAZIA E O MACHADO.) Não fico mais aqui. Vou dormir a sesta em casa, que é melhor. (SAI, ZANGADO. A ÁRVORE SAI LOGO ATRÁS, GINGANDO O COMPO COMICAMENTE. OS COELHOS E O JABOTI SAEM DO ESCONDERIJO.)

JABOTI - Lá foi ela passear! (SUBITAMENTE NANÁ PÕE-SE A CHORAR. NONÔ E O JABOTI SE ESPANTAM.)

NONÔ - Que foi, Naná?

JABOTI - Está triste? Por que?

NANÁ - Perdi o que eu queria tanto! Uma toca naquela Árvore! Uma toca naquela Árvore!

NONÔ - Eu arranjo outra p'rá você.

NANÁ - Não. Era aquela que eu queria. Uma Árvore tão bonita! E que sabe falar. Não há outra igual.

NONÔ - Agora é impossível. Ela não tem mais raízes no chão. (NANÁ CHORA, NONÔ A CONSOLA. O JABOTI ABRE OS BRAÇOS, EM DESALENTO, E SAI.)

FIM DO 1º ATO



## 2º ATO

Nesmo cenário anterior. A Árvore está deitada no chão, como se estivesse dormindo. Entram os dois coelhos brincando.

- NANÁ - Nonô! Veja! Que será que aconteceu com a Árvore?
- NONÔ - É mesmo! Está deitada no chão.
- NANÁ - Parece que está dormindo a sesta.
- NONÔ - Uma árvore dormindo a sesta no meio do mato?
- NANÁ - Ela Não é bem uma árvore. Já mudou muito. (APROXIMA-SE CAUTELOSAMENTE E EXAMINA A ÁRVORE.)
- NONÔ - Está dormindo mesmo.
- NANÁ - Pobre Árvore!
- NONÔ - Por quê? Ela está feliz assim.
- NANÁ - Talvez esteja arrependida.
- NONÔ - Deixe de bobagens. Vamos brincar, que dá mais certo.
- NANÁ - Brincar de quê?
- NONÔ - Vamos pular por cima da Árvore?
- NANÁ - Vamos. (FAZ MENÇÃO DE CORRER.)
- NONÔ (detendo Naná) - Espere. Pode ser que tenha cobra embaixo.
- NANÁ - Cobra? Você acha que ela ia deixar uma cobra ficar embaixo?
- NONÔ (Amuado) - Ora, Naná! Uma árvore é sempre uma árvore. E as cobras gostam de ficar embaixo de troncos caídos no chão.
- NANÁ - Tenho medo de cobra.
- NONÔ - Espere. Vou ver. (RODEIA A ÁRVORE COM CUIDADO, ESPIANDO.) Não tem nada, não. Está tudo limpinho.
- NANÁ - Então vamos pular.
- NONÔ - Vamos. (COMEÇAM A SALTAR POR CIMA DA ÁRVORE DEITADA. SUBITANAMENTE A ÁRVORE AGARRA OS COELHOS PELOS CALCANHARES. ESTES SALTAM APAVORADOS E GRITAM.)
- ÁRVORE (caindo na risada) - Peguei vocês!
- NONÔ (ofegante) - Pensei...que fosse...cobra!
- NANÁ - Eu...também.
- ÁRVORE - Eu pareço uma cobra? Que graça! Uma cobra com galhos. (RI.)
- NANÁ (amuada) - Não ria não, que eu levei um susto! Tenho pavor de cobra.



ÁRVORE (sentando) - Já me diverti muito pregando susto em uma porção de gente.

NONÔ - Você deve estar levando uma vida bem alegre.

ÁRVORE - Nem tanto.

NONÔ - Por quê?

NANÁ - Você não é feliz?

ÁRVORE - No começo eu era. Mas muita coisa já me aconteceu.

NANÁ - Algum desastre?

ÁRVORE - Não. Mas eu tenho meus motivos.

NANÁ - Que motivos?

ÁRVORE - No começo passei muito. Andei pela floresta toda, vi todos os lugares, fiquei uns dias em cada ponto. Mas depois...

NONÔ - Depois?

ÁRVORE - Comecei a reparar que os passarinhos não faziam mais ninho em mim.

NANÁ - Por que não?

ÁRVORE - Diziam que não queriam fazer uma casa que um dia estivesse num lugar e no dia seguinte noutro.

NONÔ - Acho que eles tinham razão.

ÁRVORE - Havia um João-de-Barro que era muito meu amigo. Esse também foi embora e não quis prosa comigo. (FAZ UMA PAUSA, FUNGANDO.) Além disso, as outras árvores se enchiam de flores e frutos bonitos, enquanto eu estava sempre de folhas feias e tristes.

NANÁ (penalizada) - Coitada!

ÁRVORE - Fiquei com saudades da terra, do gostinho de barro nas raízes. Cheguei a fazer um buraco no chão e a enfiar os pés nele, para ver se matava as saudades. Mas não deu certo.

NANÁ - Você está arrependida, então?

ÁRVORE (encolhendo os ombros) - Pensei que podia aprender a andar e tudo continuaria como antes. Mas agora já enjoei de ser um fenômeno. Todos caçam de mim. Nem uma simples abelha vem pouso nas minhas folhas.

NONÔ - Mas você queria tanto saber caminhar!

ÁRVORE - Não faço mais questão disso. Sabendo andar, sei obrigada a comer e a beber, e para dormir preciso deitar no chão. E os que me vêem deitada me chamam de "pau caído", de "tronco velho", e outras coisas. Mas eu não sou tronco velho nem pau caído, estão ouvindo? Eu sou uma Árvore. E faço questão de continuar a ser uma árvore como as outras.

NANÁ - Para isso precisa voltar a ter raízes e não andar mais.

NONÔ - Você queria ficar presa no chão, como antes?



ÁRVORE - Não quero outra coisa. Estou enjoada desta vida. (VOLTA A DEITAR-SE, SOLUÇANDO, ENTRA O JABOTI, OUVINDO O FIM DA FRASE.)

JABOTI - Quem é que está enjoado desta vida?

NONÔ - A Árvore.

JABOTI - Por quê?

NONÔ - Quer voltar a ter raízes na terra, como antes.

JABOTI - O quê?

NANÁ - É verdade, sim. Ela não quer andar mais pelo mato.

JABOTI - Mas...mas...

NONÔ - Ela quer voltar a ser uma Árvore como as outras.

JABOTI - Ora, essa é boa!

NONÔ - É a pura verdade.

JABOTI - Ela, que tanto queria andar!

NANÁ - Agora está com saudades da terra e dos passarinhos. (A ÁRVORE SENTA-SE DE NOVO, ENXUGANDO OS OLHOS.)

JABOTI (à Árvore) - É verdade isso?

ÁRVORE (acenando) - É, sim.

JABOTI - Mas isto é uma confusão!

ÁRVORE - Ninguém quer mais saber de mim.

JABOTI - Você está exagerando.

ÁRVORE - Não estou, não. Veja um pouco. Você, Naná, gostaria de morar numa toca nas minhas raízes?

NANÁ - Eu? Antes eu queria. Agora não.

JABOTI - Por quê?

NANÁ - Quando eu sáísse, ela mudaria de lugar, e eu teria de procurar pelo mato todo onde estava a minha casa.

ÁRVORE (ao Jaboti) - Está vendo?

JABOTI (coçando a cabeça) - Tem razão. Mas você gosta tanto assim dos coelhos e dos passarinhos?

ÁRVORE - Gosto. E da Terra, também. E das flores, dos frutos, das abelhas. P'rá poder passear um pouco, perdi tudo isso. E também p'rá fugir do Lenhador. (PUNGA E ENXUGA OS OLHOS.)

JABOTI (inquieta) - Não fale no Lenhador. Cada vez que nós falamos nele, ele aparece por aqui.

NONÔ - É mesmo.

JABOTI - Por falar em Lenhador, eu vou tratando de ir embora. (VAI SAIR, A ÁRVORE O SEGURA PELAS PERNAS.)

ÁRVORE - Você tem de me ajudar, Jaboti.

JABOTI - Eu?

ÁRVORE - Você sabe como se quebra encantamento.

NANÁ (ao Jaboti) - Ajude à Árvore, sim, Jaboti?



ÁRVORE - Você me ajuda?

JABOTI - Eu...eu não sei de nada!

NANÁ - Você sabe, sim.

JABOTI - Eu sabia. Mas já esqueci completamente.

ÁRVORE - Vamos, Jaboti. Veja se consegue lembrar.

JABOTI - Se eu pudesse, ajudaria você. Mas não me lembro de nada.  
(OUVE-SE LÁ FORA O ASSOBIO DO LENHADOR.) Eu não disse? Vou fugir daqui já e já. (SAI.)

NONÔ (à Árvore) - Que pena o Jaboti não poder ajudar você!

NANÁ - Nonô! Não era boa a gente se esconder?

NONÔ - Acho bom, sim.

NANÁ - Vamos atrás das árvores.

NONÔ (à Árvore) - Você não vem?

ÁRVORE (balançando a cabeça) - Fico por aqui mesmo. Deito no chão e ele nem liga para mim.

NONÔ (vai saindo, e pára como quem tem uma idéia) - Árvore! Quer nos fazer um favor?

ÁRVORE - É só dizer.

NONÔ - Quando o Lenhador chegar, finja que uma cobra pegou o pé dele. Isso vai nos ajudar em muita coisa.

ÁRVORE - Está bem. Assim farei, p'rã ajudar vocês. (OUVE-SE DE NOVO O ASSOBIO DO LENHADOR.)

ÁRVORE - Corra, que não há tempo a perder! (NONÔ CORRE PARA ATRÁS DAS ÁRVORES DO FUNDO. A ÁRVORE ESTIRA-SE NO CHÃO. ENTRA O LENHADOR, DE MACHADO AO OMBRO.)

LENHADOR - Faz tempo que não venho a este lugar. (DESCANÇA O MACHADO NO CHÃO.) Da última vez, aconteceram coisas estranhas. Pa-  
recia bruxaria! (OLHA EM VOLTA, EXAMINANDO TUDO.) Aquela árvore que havia aqui está caída no chão. Já deve estar podre. (A ÁRVORE FAZ UMA CARETA DE RAIVA.) Mesmo assim, ainda é capaz de dar boa lenha. (APROXIMA-SE DA ÁRVORE.) Pode muito bem haver cobra embaixo deste pau caído. (CARA OFENDIDA DA ÁRVORE.) As cobras gostam de troncos velhos no chão. (NOVA EXPRESSÃO DE INDIGNAÇÃO DA ÁRVORE. O LENHADOR DÁ VOLTA EM TORNO DA ÁRVORE.) Parece que não há nada. Posso descansar um pouco aqui. (FAZ MENÇÃO DE SENTAR-SE NA ÁRVORE, ESTA SE DEBATE UM POUCO E O LENHADOR CAI SENTADO NO CHÃO.) Raios! Que diabo me aconteceu? Será que estou ficando velho? Ou será reumatismo? Minhas pernas não prestam mais, já estou vendo. Só faltava essa, agora! (VAI SENTAR-SE DE NOVO, A ÁRVORE DÁ-LHE UMA PERROADA COM OS DEDOS, NUM DOS PÉS. O LENHADOR SOLTA UM GRITO.) Ai! Meu Deus! Isto só pode ser cobra. (ERRE-SE, PULANDO

NUM PÉ SÓ.) Me acudam! Socorro! É cobra. Deve ser uma jararaca. Estou perdido! Que é que eu vou fazer, sozinho neste mato? Estou frito! Mordido por uma cobra, não tenho nem injeção nem nada aqui comigo. Ai, que desastre! (PÔE-SE A PULAR NUM PÉ SÓ. NONÔ E NANÁ APARECEM, ANDANDO DISPLICENTEMENTE.)

NONÔ - Que foi isso, "seu" Lenhador?

NANÁ - O sr. parece que está dançando um frevo.

LENHADOR - Meus coelhinhos! Me acudam!

NONÔ (fingindo susto) - Que foi, "seu" Lenhador?

LENHADOR - Uma cobra me pegou.

NANÁ (com um gritinho) - Cobra?

LENHADOR - Sim. Mordeu aqui no pé. Estou perdido. Se for cobra venenosa, eu não escape.

NANÁ - Hi! Será que foi aquela?

LENHADOR - Aquela quê?

NANÁ - Eu vi agora mesmo uma cobra fugir p'rá dentro do mato.

LENHADOR - Onde?

NANÁ - Ali.

LENHADOR - Deve ser essa. Que cobra era?

NANÁ - Era uma bruta jararaca. Deste tamanho.

LENHADOR - Estou perdido! Estou frito!

NONÔ - As jararacas tem um veneno terrível.

LENHADOR - Já estou ficando tonto.

NONÔ (batendo natesta, alegremente) - Lembrei-me de uma coisa formidável.

NANÁ - O que é?

NONÔ - Sei de uma certa mágica que cura qualquer mordida de cobra.

LENHADOR (entre a esperança e a dúvida) - Sabe mesmo?

NONÔ - É uma que não falha.

NANÁ (Batendo palmas) - Então salve logo o "seu" Lenhador, Nonô.

NONÔ - Só depende dele.

LENHADOR - Diga. Diga logo o que é. É alguma planta milagrosa. Um chá para beber.

NONÔ - Nada disso.

LENHADOR (ansioso) - Então diga o que é. Já estou com vertigens. (COM UMA TONTURA, NANÁ CORRE A ANPARÁ-LO.)

NONÔ - São umas palavras mágicas, que o sr. precisa dizer, virado para o lado do Sol.

LENHADOR - Diga logo o que é.

NONÔ - O sr. precisa dizer três vezes: "Nunca mais prendo os coelhinhos em casa."

LENHADOR - Hein?



NONÔ - É exatamente isto.

LENHADOR (desconfiado) - Vocês estão querendo me tapear.

NANÁ - Diga logo, "seu" Lenhador; não está sentindo já uma grande tontura?

LENHADOR (afrito) - Estou, sim. (PÕE AS MÃOS NA TESTA.)

NANÁ - Então diga logo.

LENHADOR - E se for algum truque de vocês?

NONÔ - Mas se o sr. ficar bom da mordida da cobra, não acreditará em nós?

LENHADOR - Isso é verdade.

NANÁ - Vamos. Não há tempo a perder. (NONÔ E NANÁ SEGURAM O LENHADOR, E VIRAM-NO PARA O LADO DO SOL.)

LENHADOR - Não tenho outro remédio senão experimentar. Como é mesmo que a gente deve dizer?

NANÁ - "Nunca mais prendo os coelhinhos em casa."

LENHADOR - "Nunca mais prendo os coelhinhos em casa."

NONÔ - Outra vez, mais alto.

LENHADOR (um pouco mais alto) - "Nunca mais prendo os coelhinhos em casa."

NONÔ - Outra vez.

LENHADOR - "Nunca mais prendo os coelhinhos em casa."

NANÁ - Está se sentindo melhor?

NONÔ - A tontura está passando, não está?

LENHADOR - Parece que sim.

NONÔ - Veja o seu pé. Onde está a mordida da cobra?

LENHADOR (revistando a perna) - Sumiu! Não tem sinal algum!

NONÔ - Está vendo só?

NANÁ - Viu como deu certo?

LENHADOR (respirando aliviado) - Vocês me curaram! Meus amigos coelhinhos!

NANÁ - Experimente se já pode andar.

LENHADOR (dando uns pulinhos) - Já posso, sim.

NONÔ - Então está curado.

LENHADOR - Oba! Que sorte que eu tive!

NANÁ - É o melhor remédio que há para mordida de cobra.

NONÔ - Agora estamos livres, não estamos, "seu" Lenhador?

LENHADOR - Estão, sim. Eu cumpre minha palavra. (NONÔ E NANÁ DÃO-SE AS MÃOS E PÕEM-SE A PULAR.)

NONÔ - Estamos livres! Livres! de uma vez!

NANÁ - Que bom, que bom!

LENHADOR - Antes que outra cobra me morda vou dando o fora daqui. (PEGA O MACHADO E SAI. OS COELHOS CONTINUAM PULANDO, A ÁRVORE



SENTA-SE E PÕE-SE A VIR.)

NONÔ - Obrigado, amiga Árvore.

ÁRVORE - O Lenhador caiu direitinho! Ha, ha, ha!

NANÁ - Obrigada.

ÁRVORE - Não há de que.

NONÔ - Queremos agora ajudar você a conseguir o que quer.

NANÁ - É, sim. Faremos tudo por você.

ÁRVORE - Acho que não vão conseguir nada. Tenho de viver o resto de minha vida com as raízes secas.

NANÁ (alegre) - Tenho uma idéia. Faremos o Jaboti levar um susto e ele se lembrará como é que se quebra encantamento.

NONÔ - E que susto pregaremos nele?

NANÁ - A Árvore se finge de cobra e morde ele. (NONÔ E A ÁRVORE RIEM-SE.)

NONÔ - Sua boba! Você não sabe que cobra não morde Jaboti?

NANÁ (desapontada) - Não?

NONÔ - Claro que não. Com aquela casca tão dura!

NANÁ - Então o que faremos para assustar ele?

NONÔ (coçando a cabeça) - Não é fácil assustar o Jaboti.

NANÁ - Eu vou trazê-lo p'rá cá. (PARA NONÔ) Pense em qualquer coisa que assuste o Jaboti. (SAI CORRENDO.)

NONÔ - Será que o Sol não quer nos ajudar?

ÁRVORE (com tristeza) - Já pedi ajuda a ele. Mas ele me respondeu que não podia fazer nada.

NONÔ - Mas como? O Sol, todo-poderoso, não pode ajudar?

ÁRVORE - Ele pode dar poderes a uma criatura, mas não pode voltar a trás depois.

NONÔ - Ah vêm eles. (CORRE E FALA QUALQUER COISA AO OUVIDO DA ÁRVORE, QUE ACENA QUE SIM. NANÁ ENTRA PUXANDO O JABOTI.)

NONÔ - Jaboti! Você não tem medo de cobra, tem?

JABOTI - Cobra? Não ligo para elas.

NONÔ - Então você não tem medo que tenha uma cobra embaixo da Árvore?

JABOTI - Não.

NONÔ - Mostre p'rá nós que não tem medo.

JABOTI - Posso mostrar.

NONÔ - Sente-se no chão junto da Árvore. Se houver cobra, mostre p'rá nós.

JABOTI - Não tenho medo nenhum. Querem ver? (DEITA-SE DE BRUÇOS JUNTO À ÁRVORE. ESTA ERGUE UM BRAÇO ESTICADO E DEIXA CAIR NAS COSTAS DO JABOTI.)

NONÔ - Pronto! Aconteceu uma coisa.

JABOTI (sem perturbar-se) - Que foi?



- NONÔ - Caiu um galho enorme nas suas costas.
- JABOTI - E que tem isso?
- NONÔ - Agora você está preso. E o galho é muito pesado, nós não podemos tirá-lo de cima de você.
- JABOTI - Muito bem. E daí?
- NONÔ - Você está preso no chão. Não percebe?
- JABOTI - Percebo muito bem.
- NONÔ - Pois vai morrer de fome nessa posição.
- JABOTI - Nada disso.
- NONÔ - Como? Então você não está apavorado?
- JABOTI - Apavorado, nada. Como eu vivo muitos e muitos anos, e posso passar muito tempo sem comer, vou esperar que este pau apodreça para eu sair.
- NANÁ - Mas é incrível, isso!
- JABOTI - Eu estava mesmo precisando de umas férias. Vou aproveitar para dormir uns tempos.
- NONÔ (desapontado) - Ora, vejam que coisa!
- NANÁ - Por essa eu não esperava.
- JABOTI - Bem, meus amigos, quando este pau estiver mais podre e mais fininho, vocês me ajudarão a sair. Até lá, vou dormir um pouco. Boa noite, coelhinhos. (FECHA OS OLHOS CALMAMENTE E PŒSE A RONCAR.)
- NONÔ - Este Jaboti não se assusta com nada!
- NANÁ - Não adianta cobra, nem pau nas costas.
- NONÔ - Só há um jeito de assustá-lo.
- NANÁ - Qual é?
- NONÔ - O Jaboti só tem medo do Lenhador.
- NANÁ - E então?
- NONÔ - Vamos trazer o Lenhador até aqui.
- NANÁ - Você está louco! Ele corta a cabeça do Jaboti!
- NONÔ - Daremos um jeito nisso.
- NANÁ - É perigoso, Nonô. Não faça isto. O Lenhador quer fazer sopa do Jaboti.
- NONÔ - Não tenha medo.
- NANÁ - Eu quero muito assustar o Jaboti. Mas não quero que ele viró sopa. Isso não!
- NONÔ - Ele não vai virar sopa coisa nenhuma.
- ÁRVORE (4 aborrecida) - E eu, que fico fazendo aqui, com esse Jaboti dormindo debaixo do meu braço?
- NONÔ - Eu tive uma nova idéia.
- ÁRVORE - Enquanto vocês tem idéias, eu fico aqui nessa posição!
- NONÔ - Tenha um pouco de paciência.



- NANÁ - É para o seu próprio bem.
- ÁRVORE - Eu sei. Eu sou agradecida a vocês. Mas o Jaboti quer, nada mais, nada menos, que eu apodreça aqui.
- NANÁ - Você não vai apodrecer agora, vai?
- ÁRVORE - Acho que não. Pensem logo, que meu braço está doendo. Quando era galho não doía. Mas agora que é braço, já sabe doer.
- NONÔ - Vamos chamar o Lenhador.
- NANÁ - Mas Nonô! E se o plano falhar e ele matar o Jaboti!
- NONÔ - Isso fica por minha conta.
- NANÁ - Você tem certeza que não vai haver nenhuma...sopa de Jaboti?
- NONÔ - Certeza absoluta.
- NANÁ - Bem...Nesse caso...
- ÁRVORE - Que faremos então?
- NONÔ - Faremos o seguinte: (A NANÁ) Você vai buscar o Lenhador e diz que achou o Jaboti dormindo no meio do mato.
- NANÁ - Muito bem.
- NONÔ - Você diz a ele que eu fiquei vigiando o Jaboti, para ele não fugir.
- NANÁ - Já entendi.
- NONÔ - O resto fica comigo e com a Árvore. Pode ir, Naná.
- NANÁ - Até já. (SAI.)
- ÁRVORE - E que é que eu faço agora?
- NONÔ - Você vai tirando o braço devagarzinho, para o Jaboti não perceber.
- ÁRVORE - Já vou começar.
- NONÔ - Mas bem devagar. Do contrário, ele acorda e vai-se embora. (A ÁRVORE VAI TIRANDO O BRAÇO DE CIMA DO JABOTI. ESTE SE MOVE UM POUCO.)
- NONÔ - Cuidado!
- ÁRVORE - Pronto! Já tirei.
- NONÔ - Muito bem. Agora você fica aí por perto, como esteve, para o Lenhador não desconfiar.
- ÁRVORE - Ótimo. E depois?
- NONÔ - Depois, você...( O JABOTI SE MEXE, DÁ UM RONCO FORTE. HÁ PÁ - NICO ENTRE OS DOIS.)
- ÁRVORE (num sussurro) - Chiiii! Está acordando!
- NONÔ - Psiu! Não fale agora. ( O JABOTI SE ACOMODA E VOLTA A RONCAR TRANQUILAMENTE.)
- ÁRVORE (como antes) - E depois?
- NONÔ (falando baixo) - Bem...depois...(CHEGA AO OUVIDO DA ÁRVORE E MURMURA ALGO, ENQUANTO A ÁRVORE APROVA VIVAMENTE.)
- ÁRVORE - Acho que vai dar certo.



NONÔ - Vai, sim. (NONÔ PERCEBE QUE O LENHADOR VEM CHEGANDO, CORRE A PÔR-SE JUNTO AO JABOTI, DE BRAÇOS CRUZADOS, FINGINDO VIGILÂNCIA. A ÁRVORE DEITA NO CHÃO.)

LENHADOR (entrando com Naná) - Onde é que está esse miserável?

NANÁ - Ali.

LENHADOR - Ah! Lá está aquele assassino do tinhorão de minha mulher.

NANÁ - E bem vigiado.

LENHADOR - Estou vendo que vocês me ajudaram a pegar o refinado mandro.

NONÔ - Somos seus amigos "seu" Lenhador.

LENHADOR - Muito bem. E como dorme, o miserável! E como ronca! Parece que tem a consciência mais tranqüila deste mundo.

NANÁ - Pois é.

LENHADOR - É o Jaboti mais descarado que eu conheço.

NONÔ - Para o sr. ver.

LENHADOR - Vai pagar direitinho o seu crime. Vai virar sopa hoje mesmo. (PROVA O FIO DO MACHADO COM O DEDO. NANÁ OLHA AFLITA PARA NONÔ, QUE FAZ UM GESTO TRANQUILIZADOR.) Corte-lhe a cabeça fora, que ela não serve para a sopa. Tire a casca, ponho o resto na panela e hoje no jantar, nos regalaremos, minha mulher e eu.

NONÔ - Vai ser uma delícia.

LENHADOR - Vocês estão convidados.

NANÁ (apressada) - Não, não, muito obrigada! Nós não gostamos de sopa de Jaboti.

LENHADOR - Bem. Começemos a nossa tarefa. Ele está dormindo tão fundo que não ouve nada em volta. (COSPE NAS MÃOS, SEGURA O MACHADO.)

NONÔ - Um momento, "seu" Lenhador. É preciso acordar o Jaboti primeiro.

LENHADOR - Ora, e essa! Por quê?

NONÔ - Pois ele não deve pagar o seu crime?

LENHADOR - Deve.

NONÔ - Se ele morrer dormindo, não saberá de nada.

LENHADOR - Tem razão. Você é um coelho esperto.

NONÔ - E além disso, há outro motivo.

LENHADOR - Qual é?

NONÔ - Eu sei de fonte limpa, que quanto mais assustado estiver o Jaboti, melhor ficará a sopa.

LENHADOR - Será?

NONÔ - É, sim. É preciso assustar bastante, para a sopa ficar bem gostosa.

LENHADOR - Talvez você tenha razão. Você acertou na mordida da cobra.



Agora deve estar certo, também.

NONÔ - Claro que estou.

LENHADOR - Então vamos acordar o tratante.

NONÔ - Um momentinho mais.

LENHADOR - Que é agora?

NONÔ - Eu e Naná vamos nos esconder.

LENHADOR - Por quê?

NONÔ - Não queremos que o Jaboti saiba que fomos nós que trouxemos o sr. aqui.

LENHADOR - Isso parece razoável. Vão se esconder então. (NONÔ E NANÁ VÃO ATRÁS DAS ÁRVORES. O LENHADOR PÕE-SE A SACUDIR O JABOTI.)

LENHADOR - Acorda, "seu" patife! Veja o que vai te acontecer agora. (SACODE MAIS O JABOTI.) Vamos, Jaboti de uma figa! Abra logo estes olhos. (O JABOTI ABRE OS OLHOS, ESTREMUNHADO, ESPREGUICANDO-SE TODO. AO DAR COM O LENHADOR DE BACHADO NA MÃO, SOLTA UM GRITO.)

JABOTI - Absai! Me acudam! Socorro! Estou perdido!

LENHADOR - Você vai virar sopa hoje.

JABOTI - Socorro! Não quero virar sopa. (TENTA PUGIR, MAS O LENHADOR O MANTÉM SEGURO.)

LENHADOR - Ache que você dará uma boa sopa, não?

JABOTI - Não dou boa sopa, não. Minha carne é muito dura.

LENHADOR - Eu faço ferver na panela umas três ou quatro horas.

JABOTI - Não, não!

LENHADOR - Com uns temperos adequados a sopa fica muito boa.

JABOTI - Não quero, não quero. Minha carne é muito ruim.

LENHADOR - Vamos provar para ver.

JABOTI - E além disso, eu sofro do fígado.

LENHADOR - O quê?

JABOTI - É sim, quem sofre do fígado não dá boa sopa.

LENHADOR - Ora, e essa! Por quê?

JABOTI - Porque dá uma dor de barriga terrível nos outros.

LENHADOR (coçando a cabeça) - Será verdade? Mas não! Não acredito. É truque seu. Se a sopa não prestar, joga fora. Mas você tem de pagar o seu crime de ter comido o tinhorão de minha mulher.

JABOTI - Ai, ai! Socorro! (A ÁRVORE SE BARGUE E FICA POR DETRÁS DO LENHADOR QUE NÃO A VÊ.)

LENHADOR - Mas a sopa há de ficar bem gostosa. Basta caprichar no tempero.

ÁRVORE - Um pouco de bato de abóbora melhora bem a sopa.



LENHADOR (sem dar pela coisa) - Sim, sim. Broto de abóbora deve ser bom.

ÁRVORE - Por aqui há um pouco. Quer que eu vá buscar?

LENHADOR - Sim, quero. Se eu largar este tratante, ele foge. (A ÁRVORE VAI ATÉ AS ÁRVORES, ARRANCA UM GALHO E VOLTA COM ELE. ESTENDE AO LENHADOR, QUE O PEGA SEM VOLTAR-SE.)

ÁRVORE - Aqui está.

LENHADOR - Será broto de abóbora?

ÁRVORE - O que é que você acha?

LENHADOR (examinando) - Não parece, não.

ÁRVORE - Então experimente um galhinho meu. (PUXA UMA DE SUAS FOLHAS E ESTENDE AO LENHADOR. ESTE PEGA, OLHA, E TEM O ESTALO DA SITUAÇÃO. ABRE BEM OS OLHOS SEM SE VOLTAR.)

LENHADOR (para si e deixando cair o machado) - Os coelhos se escondem. Não pode ser um deles. E além disso, coelho não tem folhas. (LARGA O JABOTI, VAI SE VOLTANDO LENTAMENTE. AO DAR COM A ÁRVORE, DE MÃOS NA CINTURA E ATITUDE SEVERA, ELE DÁ UM SALTO PARA TRÁS.) Que fantasia é essa? Quem é você? Tire isso!

ÁRVORE (calmamente) - Não é fantasia, nada. As folhas são minhas mesmo. Quer mastigar uma? (ESTENDE UM BRAÇO AO LENHADOR.)

LENHADOR (recuando, apavorado) - Você...você...é...

ÁRVORE - Uma árvore, sim senhor.

LENHADOR - Mas...não...po...po...pode ser...Árvores...não andam... não falam...

ÁRVORE - Eu ando e falo. E sei até rachar lenha. Quer que eu rache você e faça um feixe de lenha? (A ÁRVORE ABAIXA-SE E PEGA O MACHADO.)

LENHADOR (berrando no auge do medo) - Não!...não!...não!...(CONSEGUE MOVIMENTAR-SE E FUGE GRITANDO, APAVORADO. A ÁRVORE CAI NA RISADA, OS CORLHOS SAEM DOS ESCONDERIÇOS E PÕEM-SE A BATER PALMAS. O JABOTI ENXUGA A TESTA, ALIVIADO.)

JABOTI - Ai, que medo!

ÁRVORE - Aquele lá não ganhou para o susto.

JABOTI - Susto mesmo levei eu.

NANÁ - Coitado do Jaboti.

NONÔ - Acho que o Lenhador desta vez não volta mais a este susto.

ÁRVORE - Que bom para mim!

JABOTI (refazendo-se) - Gostaria de saber como é que o Lenhador me achou tão depressa.

NONÔ - Bem...é que...

NANÁ - Você não vai gostar de saber, Jaboti, mas não tínhamos outro recurso.

JABOTI - Que é que você está dizendo?



NONÔ - É que... fomos nós que trouxemos o Lenhador aqui.

JABOTI - Mas...mas...você queriam me matar, então?

NANÁ - Não, não Jaboti, nós somos seus amigos. Nós só queríamos pro-  
gar um grande susto em você.

JABOTI - Por que isso?

NONÔ - Para você se lembrar como é que se quebra o encantamento da  
Árvore.

JABOTI (batendo na testa) - Ah! Me lembrei!

NONÔ (sôfrego) - Então diga logo!

NANÁ (com Nonô) - Que bom! ( A ÁRVORE DÁ UNS PULINHOS DE CONTENTE. E  
BATE PALMAS.)

JABOTI - É preciso virar-se para o Sol e espirrar três vezes.

NONÔ - Isso é fácil.

NANÁ - Ótimo.

NONÔ (à Árvore) - Vire logo para o Sol.

ÁRVORE (voltando-se para o Sol) - Pronto.

NONÔ - Espirre logo.

ÁRVORE - Mas não tenho vontade de espirrar.

NANÁ - Espere um pouco. Eu vou te ajudar. (ARRANCA UM PELO DA PONTA  
DA CAUDA E FAZ CÔCEGAS NO NARIZ DA ÁRVORE.)

ÁRVORE - Ah...ah...atchim!

NONÔ - Outra vez!

ÁRVORE - Atchim!

NANÁ - Mais uma vez. Força.

ÁRVORE (com estrondo) - Atchim!

JABOTI - Não precisa exagerar tanto.

NANÁ - Pronto. Agora você vai criar raízes no chão, de novo.

ÁRVORE (espantada) - Já estou sentindo qualquer coisa. (CORRE PARA O  
SEU LUGAR PRIMITIVO.) Quero ficar aqui.

NANÁ - Já está começando?

ÁRVORE - Acho que sim. (TENTA ENQUER O PÉ.) Jaboti! Jaboti! Meu pé  
está ficando preso na terra. Ah! que bom, Jaboti! Você me  
salvou! Você e os coelhinhos!

NANÁ (pulando de contente) - Que bom, que bom!

ÁRVORE - Não sei como mostrar minha gratidão a vocês.

JABOTI - Quando você der frutos, guarde alguns para nós.

NANÁ - Eu também quero uma coisa.

ÁRVORE - O que é?

NANÁ - Uma toca nas suas raízes.

ÁRVORE - Concedido!

NANÁ - Que maravilha!

NONÔ - Então já podemos casar.



NANÁ - Podemos sim.

JABOTI - Para casar vocês dois eu sirvo. Eu sou o Juiz de Paz da floresta.

NONÔ - É verdade! O Juiz de Paz aqui do mato é o Jaboti.

ÁRVORE - Então está tudo bem. Você pode casar Nonô e Naná, e eles podem morar aqui.

JABOTI - Muito bem.

NONÔ - Estamos prontos.

JABOTI (ajeitando os óculos) - Procedamos conforme o uso. Venham cá. (PÕE NONÔ E NANÁ DE MÃOS DADAS, EM FRENTE À ÁRVORE.) Fiquem assim. Agora vou fazer as perguntas. (A NONÔ) Você Nonô, aceita a coelhinha Naná como sua legítima esposa?

NONÔ (engolindo em seco) - Aceito.

JABOTI - E você, Naná, aceita o coelhinho Nonô como seu legítimo marido?

NANÁ - Aceito, aceito!

JABOTI - Então eu os declaro casados. Parabéns. (APERTA A MÃO DOS COELHOS.)

ÁRVORE - Parabéns para vocês.

JABOTI - Viva os coelhinhos!

ÁRVORE - Viva! (O JABOTI PÕE-SE A CANTAR A MARCHA NUPCIAL COM VOZ GROSSA, É IMITADO PELA ÁRVORE.) OS DOIS COELHOS CANTAM E PÕEM-SE EM MARCHA EM TORNO DA ÁRVORE, SEGUIDOS PELO JABOTI.)

FIM

